

## SONHOS UCRÔNICOS MEMÓRIAS E POSSÍVEIS MUNDOS DOS TRABALHADORES\*

Alessandro Portelli\*\*

*Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro*

Se me fosse possível, se eu tivesse  
sido o Pai, eu não teria permitido  
que Ele morresse, pendurado  
naquela cruz.

Maddalena, trabalhadora têxtil,  
Terni, Itália.

O testemunho oral tem sido amplamente discutido como fonte de informação sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história. Discutiria, aqui, um “imaginário”, um “errado”, um “hipotético” motivo que é encontrado nas narrativas da classe operária, em muitas partes da Itália, contudo enfatizando mais profundamente suas ocorrências em um grupo específico: os ativistas e quadros dos antigos trabalhadores comunistas do setor naval de fundição de aço, da cidade de Terni, a mais antiga cidade industrial da Itália central. A maior parte desta pesquisa de campo teve lugar a partir da segunda metade dos anos 70, quando a política do Partido Comunista atrelava-se ao “compromisso histórico” e à “unidade nacional”. A imaginação da classe traba-

\* In: SAMUEL, Raphael e THOMPSON, Paul - *The myths we live by*. Londres e Nova York, Routledge, 1990.

\*\* Professor de literatura americana na Universidade de Roma. Texto produzido para o Sixty International Oral History Conference, Oxford, Sept. 1987. Tradução autorizada pelos editores.

lhadora incorporada ao testemunho deve ser inserida portanto no contexto das políticas do partido e nas explicações oficiais de seu passado histórico e de seus precedentes.

Levarei em consideração, a princípio, uma história que abrange o assunto em sua conformação mais completa. O narrador é Alfredo Filipponi, antigo operário, condutor de bonde, negociante de carvão - também secretário da resistência comunista clandestina durante o fascismo e comandante da brigada “Antonio Gramsci” dos *partigiani*, em 1943-44. A entrevista teve lugar em 1973; Filipponi já se encontrava, então, seriamente doente e morreu logo depois<sup>1</sup>. Ele falou em resposta a uma questão levantada por mim: “Durante a resistência, você pensava apenas na liberdade nacional ou desejava alguma coisa mais?”

– Bem, pensávamos na libertação nacional do fascismo e, após isso tínhamos esperança de alcançar o socialismo, o qual ainda não havíamos atingido. Naquela época, com a luta dos *partigiani* quase havíamos chegado lá. Depois que a guerra deles terminou – Terni foi libertada onze meses mais cedo que o resto do país -, o camarada Togliatti dirigiu-se a nós. Convocou, para uma reunião, todos os comandantes *partigiani* e líderes do partido de todas as províncias e regiões da Itália. Discursou e adiantou-nos que haveria uma eleição. “Você tem prestígio, Omega (este era meu codinome no partido: o próprio Gramsci assim me apelidara. Meu nome no grupo *partigiano* era Pasquale); te convoquei para que trabalhes para ganharmos a eleição.” Quatro ou cinco outras pessoas também discursaram e houve unanimidade em relação ao exposto. Eu levantei minha mão: “Camarada Togliatti, eu discordo”. “Por que Omega?” “Discordo porque, como Lenine disse: quando o tordo voa, é o momento de atirar nele. Se você não o fizer, então, talvez nunca mais tenha outra oportunidade. Hoje o tordo está voando: todos os chefes fascistas estão se escondendo ou fugindo, tanto em Terni como em qualquer outro lugar. Todos os demais companheiros contaram o mesmo sobre suas regiões. Assim, este é o momento: sobre as armas, não há necessidade de falar a respeito, sabemos onde elas estão (nós as escondêramos). Este é o

1. Alfredo Filipponi nasceu em 1897, em Ferentillo, uma aldeia no vale do rio Nera (valnerina), a 10 milhas de Terni. Esta entrevista foi gravada em sua casa, em Terni, em 7 de junho de 1973. Sua história necessita ser entendida em seu contexto histórico. Após o desembarque dos aliados na Sicília, em julho de 1943, Mussolini foi forçado a renunciar e o novo governo italiano assinou a paz; mas o exército alemão lutou contra ele e restabeleceu Mussolini no poder, por algum tempo, nas regiões do Norte. Atrás das linhas alemãs, brigadas *partigiani*, nas quais os comunistas estavam na linha de frente, sustentaram uma guerra de libertação contra os nazistas e seus aliados fascistas. Muitos dos combatentes sentiam que a guerra os guiaria diretamente para o socialismo. Eles se espantaram quando Togliatti voltou de seu exílio na Rússia, em março de 1944, para anunciar uma *svolta* (curva em U), em Salerno; que os comunistas trabalhariam com outros partidos democráticos para criar uma “democracia progressiva”. O Partido Comunista Italiano foi, subsequentemente, transformado em um partido de massa nacional com mais de dois milhões de membros - por quarenta anos a maior força eleitoral da esquerda -, chegando a representar 36 por cento do total e perfazendo, ainda, 22 por cento em 1988. Embora viessem exercendo o poder local em muitas cidades, após sua expulsão do governo de coalisão, em 1947, os comunistas permaneceram excluídos do governo nacional.

momento: nós atacamos e construímos o socialismo.” Togliatti colocou a sua moção e a minha em votação e a dele obteve quatro votos a mais que a minha, e assim foi a vencedora. Mas eles retiveram o aviso e, mais tarde, tiveram de admitir que eu estava certo.

Esta confrontação entre Filippini e Palmiro Togliatti, Secretário do Partido Comunista no pós-guerra, nunca teve lugar. Filippini, ao ser entrevistado, oferecia sua versão imaginária de um evento crucial do movimento comunista italiano, o qual passou para a história como *svolta di Salerno*. Trata-se da “curva política em U”, quando Togliatti (recém-chegado de seu exílio na Rússia) anunciou para os quadros do partido, em uma reunião em Salerno, que o socialismo não constava da agenda, e que o partido cooperaria com as forças anti-fascistas na criação de uma república democrática (e “progressiva”) de estilo ocidental<sup>2</sup>. Em face desta resolução, houve reações que iam da oposição à incredulidade e ativistas veteranos ainda hoje debatem se a linha de Togliatti estava correta. Filippini sugere que a história podia ter sido diferente se outro fosse o caminho escolhido.

A narrativa depende de fatores pessoais e coletivos. Filippini era um homem velho e doente, quando foi entrevistado; fazia tempo que tinha sido afastado da liderança ativa do partido, contra seu desejo e após um confronto dramático. A medida que a conversa entre nós prosseguia, seu estilo de descrever sua experiência *partigiana\**, no início épico e detalhado (embora factualmente impreciso), decaía gradualmente e ele deslizava cada vez mais profundamente para o reino da fantasia e da fábula. Primeiro, ele reivindicou um papel central na convenção que deu origem ao Partido Comunista (Livorno, 1921), à qual, na realidade, ele não comparecera; a seguir, contou uma história detalhada de como escapou da prisão junto com o fundador do partido, Antonio Gramsci, e como ambos se esconderam nas montanhas (o que, também, nunca sucedeu); finalmente concluiu a sua história com o confronto imaginário com Togliatti.<sup>3</sup>

Isto se deu como se a fraqueza da idade, a doença e a fadiga da longa entrevista erodissem seus controles conscientes e sua censura racional sobre os sonhos e desejos há muito enterrados no inconsciente, num processo altamente reminescente de devaneio. Essa divagação deu curso a anseios e frustrações pessoais do entrevistado. Embora tenha dado muito de sua vida ao partido, Filippini sentiu nunca ter sido suficientemente reconhecido e recompensado por isto. Assim, ele colocou a si

2. Palmiro Togliatti (1979). *Opere*, v.5 (1944-55) ed. Luciano Gruppi, Rome: Riuniti.

3. Cf. A. Portelli (1979). “Gramsci evase con me dal carcere, ci nascondemmo per sei mesi sui monti...” Tutti i paradossi della “storia orale”, *Il manifesto*, 11 de maio; Colletivo di ricerca del Circolo Gianni Bosio (1981) “Observazioni del folklore su Gramsci”, *I Giorni Cantati* 1: 32-43.

mesmo, em imaginação, no centro da história do partido e ao lado de seu “pai fundador”, do qual alegava ter recebido, em uma espécie de investidura de batismo, seu codinome e sua identidade política.<sup>4</sup>

Mas há mais que uma frustração pessoal nesta história: Filipponi também proclama um sentido coletivo de desapontamento a respeito do rumo que a história tomou após as grandes esperanças levantadas quando da liberação do fascismo. Uma notícia de 1947, da federação Comunista de Terni diz:

Entre os militantes, há um desapontamento, amplamente difundido, concernente aos rumos que a democracia tomou. Devemos reconhecer que confiamos muito na ação legal e institucional, esperando soluções superiores, e não oferecemos aos trabalhadores responsabilidade suficiente para a solução de seus próprios problemas.<sup>5</sup>

Histórias de expectativas malogradas, causadas pela restauração das relações de classe nas fábricas e no Estado, são comuns na geração dos anos 40. Como o desejo e a esperança por uma revolução e pelo socialismo foram removidos da agenda do partido e eliminados de discussões abertas, os militantes se enterraram cada vez mais profundamente na imaginação e nas memórias dos ativistas e reemergiram em fantasia, sonho e folclore. O depoimento “errado” de Filipponi resulta menos de sua imperfeita lembrança que, ironicamente, de uma imaginação criativa; é a forma narrativa do sonho de uma vida pessoal e de uma diferente história coletiva”.

Tais histórias brotam ocasionalmente em diferentes partes do país. Um trabalhador da área de construções, de Subiaco (Latium), costumava contar uma história sobre ele mesmo, muito parecida com a de Filipponi; um artesão de San Lourenço, arredores de Roma, também descreveu um confronto entre ele e Togliatti (ou um “representante” de Togliatti, como algumas vezes expressava); parentes do exilado Giovanni Mattioli, do movimento anti-fascista de Terni, também falam sobre uma

4. Filipponi tinha, na realidade, sido expulso do partido em 1949, após um conflito com o secretário de Terni, Carlo Darini. A maior parte das testemunhas diz que a ambição frustrada de Filipponi desempenhou um papel naquele episódio, do mesmo modo que o fato de sua mentalidade *partigiana* não se enquadrar no clima político de pós-guerra. Mais tarde, ele foi tranquilamente readmitido, mas não lhe deram qualquer responsabilidade. Um ativista diz que quando Filipponi foi expulso “houve um sentimento de perda, como o constatável na morte de uma pessoa importante” (Mario Filipponi, nascido em 1924, sem relação de parentesco, 9 de março de 1982). O nome “Omega” esteve em uso nos anos 20, não por Filipponi mas por Filippo Innamorati, um tipógrafo da região de Foligno, que foi secretário regional após o advento do fascismo. Filipponi (que trabalhou diretamente sob suas ordens) se apropriou não somente do nome do chefe como também de seu papel de liderança. A conexão de Filipponi com Gramsci é reforçada, também, pelo fato de a brigada *partigiana* que ele comandou, levar o nome de Antonio Gramsci.

5. APC (Arquivo Nacional do Partido Comunista, Roma), 1945-8, pasta número 142.

“querela” entre este político e Togliatti sobre a linha de Salerno: “Tivesse Togliatti seguido o conselho de Giovanni, as coisas teriam tomado um caminho diferente”, diz sua sobrinha<sup>6</sup>. Tais conflitos não sucederam apenas na memória e imaginação: na Calábria, os dirigentes locais do partido recusaram-se a crer em seus próprios documentos, que descreviam uma nova linha, e acreditava terem sido estes forjados por “provocadores”.<sup>7</sup>

Dois outros aspectos engrandecem o significado da história de Filipponi. Um é o relacionamento estrutural dos episódios sobre Togliatti e Gramsci. Histórias sobre o segundo são sempre mais comuns do que sobre o primeiro, o que é compreensível dado o *status* de antigo fundador. Miticamente, a maioria destas histórias associa o depoente e o lugar aonde a história se passa com a presença do herói fundador. Assim, elas têm muito em comum com histórias sobre outro herói fundador, Garibaldi. Por outro lado, muitas histórias sobre Togliatti tendem a opor o narrador a ele. Como fundador, Gramsci oferece maior número de razões ideais para a identidade mais profunda com o partido; Togliatti, por sua vez, é lembrado mais como um arguto tático e político. Conseqüentemente, o papel de Gramsci nas versões populares da história é o de reforçar a identificação com as origens do partido; o de Togliatti, algumas vezes, é para expressar o desapontamento com sua ação histórica. O testemunho de Filipponi é um perfeito exemplo deste processo.

O segundo aspecto de seu relato é a presença de conteúdos correlatos às histórias do período de pós-libertação: a prática mencionada por Filipponi e difundida nos anos 40 - de esconder as armas usadas na resistência na expectativa de usá-las, de novo, mais cedo ou mais tarde, na revolução (ou, como alguns relatores dizem, para defender a democracia contra esperados ataques da reação). As armas ficaram escondidas em fábricas de Terni até 1949; um informante me contou que ele guardou a sua até o final dos anos 70. O fato de eles conservarem as armas significava que a empreitada anti-fascista não estava completa e teriam que finalizá-la um dia. Dum certo modo, o desejo revolucionário, enterrado no subconsciente dos ativistas como Filipponi, é outra arma escondida, enferrujada pela falta de uso.

Por outro lado, este sentimento destinava-se a chegar a um acordo com as necessidades pessoais e coletivas de sobrevivência, de reconstruir, de defender e expandir os ganhos limitados mas concretos dos anos pós-guerra, dentro da situação

6. A história de Subiaco foi comunicada por Mirella Serri em um seminário, em 1978, do Instituto Storico Romano della Resistenza; o episódio de San Lorenzo é uma comunicação pessoal de Lidia Piccioni e Alfredo Martini, baseada em seus próprios trabalhos de campo, nos anos 70; a entrevista com a sobrinha de Mattioli, Dinane Colesanti (nascida em 1903), teve lugar em Terni no dia 4 de agosto de 1980.

7. Cf. Renzo Del Carria (1970). *Proletari senza rivoluzione*. Milan; oriente, v. II, p. 337, n° 214.

em vigor. Com revolução ou sem ela, a vida devia seguir o seu caminho. Os líderes comunistas declararam, à época, que a revolução e o socialismo estavam fora de questão, o “compromisso histórico” definido e a classe representada pelo partido identificada com os valores e mecanismos da democracia italiana. Por isso, tornou-se crescente a dificuldade para expressar ou mesmo entender os desejos e esperanças frustrados. O resultado foi o estebelecimento de um profundo conflito entre a racionalidade do mundo concreto e o sonho de um outro mundo possível.

Filipponi tenta mostrar, de um modo envolvente, que esse conflito provocou o desapontamento e uma visão particular de história acima de tudo porque, de muitas maneiras, ele incorporou a relação entre a consciência da vanguarda política e as raízes populares da cultura proletária. Nascido em Valnerina, a região montanhosa dos trabalhadores na indústria de arco de Terni, ele sempre se saiu melhor com o dialeto do que com o italiano padrão da linguagem política (embora por haver cursado o sexto grau escolar, fosse um dos ativistas com melhor escolaridade na geração da clandestinidade). Quando os fascistas vasculharam a sua casa à procura de literatura subversiva, o único objeto que encontraram e destruíram foi um *organeto*, o pequeno órgão que acompanha a música e a dança populares de sua região<sup>8</sup>. Mesmo quando descreveu como foi despedido da companhia de bondes, o relato tomou a forma de um conto folclórico<sup>9</sup>, e a necessidade de “encaixar o tempo” no período de pós-guerra se apoiou em um provérbio sobre caça, um esporte muito popular na Umbria: “quando o tordo voa, é tempo de atirar nele”. Como outros trabalhadores ativistas, que justificam suas atitudes políticas com provérbios e canções populares, Filipponi atribui seu provérbio a Lenine, numa tentativa de reconciliar a sabedoria popular de sua consciência de classe com o prestígio teórico dos heróis fundadores do movimento comunista.<sup>10</sup>

8. Entrevista com Ambroglio Filipponi, filho de Alfredo (nascido em 1930), 11 de maio de 1979.

9. Depois de eu estar trabalhando [nos bondes] por muitos anos, Mussolini escreveu uma carta ao gerente e comunicou-lhe: “Dentro de cinco dias você deve despedir o famoso chefe comunista Alfredo Filipponi e me avisar sobre a medida”. O encarregado mandou me chamar, leu a carta e disse: “Eu não tenho coragem para te despedir”. Após mais ou menos uns dez dias, uma outra carta de Mussolini chegou: “Eu ouvi dizer que Filipponi ainda está trabalhando. Se você não o despedir dentro de três dias, eu mesmo o despedirei e, também, a você”. Ele mandou me chamar e conjecturou: “O que devo fazer?” “O que tem de fazer”, respondi: “Vá em frente e me despeça”. este arquétipo vem da história de Branca de Neves, sua malvada madrastra e o caçador encarregado de matar a princesa.

10. Veja A. Portelli (1980). “La storia non lo vedí marcia verso le libertà”. In: Circolo Giani Bosto, *I Giorni Cantati. Cultura operaria e contadina a Roma e nel Lazio*, Milan: Mazzotta, p. 150. O artigo descreve com um cantor tradicional de Genzano, próximo de Roma, que acreditava ser Karl Marx o autor da Internacional e da Marselhesa (A Marselhesa, veja você, foi assim chamada por ter sido escrita por Marx em Marselha ).

O exame de histórias sobre a ausência de revolução nos anos 40 não é um caso isolado. O motivo da “história que poderia ter prosseguido diferentemente” funda-se nas narrativas que tratam das maiores crises da história dos trabalhadores, tanto local quanto nacional. Muitas histórias dizem respeito ao período entre a 1ª Grande Guerra e o advento do fascismo. Descrevendo as greves contra o alto custo de vida, em 1919, outro informante de Terni diz:

Os líderes daquelas lutas não tinham autoridade sobre a classe trabalhadora; não tínhamos uma classe precisa que, a despeito de todas as suas falhas, o Partido Comunista criou mais tarde. Se, então, tivesse havido um Partido Comunista, teria havido uma revolução.

As assembléias nas fábricas, em 1921, são as oportunidades não aproveitadas mais comumente citadas:

Teríamos ido para a insurreição, porque isto era o que tínhamos em mente - estávamos nos orientando para uma revolução, era o que costumávamos dizer. Mas o grupo de líderes tinha outras idéias em mente, eles não estavam se encaminhando para nenhuma revolução. O Partido Socialista tinha 157 membros no Parlamento; o poder teria ficado nas mãos dos socialistas. Mas [o secretário socialista Filippo] Turati não aceitaria a responsabilidade. Ele teria ganho o poder, mas não era homem suficiente para tal.<sup>11</sup>

Quando Giacomo Matteotti, um membro socialista do Parlamento, foi assassinado por fascistas, em 1925, o regime sofreu sua primeira (e última) crise séria:

Os fascistas ficaram aterrorizados. Mas não tínhamos líderes, o Partido Comunista ainda era fraco, e os líderes que tinham seguidores entre o povo, [Cláudio] Treves, Turati, estavam todos exilados fora do país; os nossos estavam na prisão. Se tivéssemos tido, então, verdadeiros líderes, talvez o fascínio não houvesse durado vinte anos.<sup>12</sup>

A última formação está factualmente toda errada. Durante a crise, Matteotti, os líderes Turati e Treves estavam ainda na Itália, e Gramsci não havia sido preso. Mas a análise política é séria. Naquele momento extremamente importante, a classe operária não tinha líderes.

As histórias sobre os anos 20 explicam a revolução não havida por falta de liderança, culpando, assim, o Partido Socialista, do qual o Partido Comunista se separara em 1921. No entanto a história dos anos 40 não pode ser “justificada” pela

11. Arnaldo Lippi (nascido em 1899), 15 de novembro de 1978 (entrevistado por Agostino Marcucci); Remo Righetti (1902), 9 de dezembro de 1979; Gildo Bartoletti (1896), 17 de fevereiro de 1974 (entrevista de Valentino Paparelli).

12. Arnaldo Lippi (veja nota 11).

falta de uma legítima liderança comunista. Dessa maneira, o enfoque é posto no particular, em decisões individuais, reiterando um motivo - “eles pediram para termos calma” - para descrever o contraste implícito entre o “político”, abordagem tática da liderança e a disposição das fileiras. O significado, porém, é o mesmo. De comum acordo, a história desnecessariamente percorreu um caminho errado, variando a apresentação segundo cada narrador.

Ainda não posso crer no 8 de setembro [1943, quando a Itália celebrou as pazes com os aliados]. Naquele dia podíamos ter depenado os cabelos dos asnos dos alemães, um por um; não havia nada que não pudéssemos ter feito. No lugar disto - permaneça calmo, calmo, calmo... Exatamente o mesmo que ocorreu quando eles tentaram matar Togliatti [em 1948]: calma, calma, calma... E os policiais, munidos de armas, já tinham seus revólveres apontados para nós...<sup>13</sup>

O operário de construção e cantor popular Amerigo Matteucci, prefeito de uma cidade na colina, perto de Terni, improvisou *stornelli* para serem cantados por ocasião da reconciliação nacional e anistia aos fascistas, promovidas por Togliatti, que trinta anos mais tarde ainda sentia este fato como havendo sido um erro pois impediria a revolução:

Caro compagno te lo voglio dire  
l'errore fu la gente perdonare  
l'errore fu la gente perdonare

E condannato sia il traditore  
se bene voi ave' all'umanitane  
se bene voi ave' all'umanitane

Scusate amici mia se sto a sbagliare  
io sono sempre alla rivoluzione  
io sono sempre alla rivoluzione<sup>14</sup>

13. Settimio Piemonti (nascido em 1903), 7 de setembro de 1980.

14. Querido camarada, eu quero te contar, foi um erro perdoar aquelas pessoas: E condenado seja o traidor para o bem da humanidade. Perdoem-me amigos se eu estou errado: mas ainda sou pela revolução. Improvisado por Amerigo Matteucci (nascido em 1919), 28 de dezembro de 1973; a gravação original está no álbum *La Valnerina ternana. Um'esperienza di ricerca intervento*, ed. Valentino Paparelli e Alessandro Portelli, Dischi del Sole DS 523/34.

O tema da oportunidade perdida, que teria feito eclodir uma história alternativa, ocorre em casos contados sobre muitos eventos pós-guerra. A reação dos trabalhadores ao ferimento provocado em Palmiro Togliatti por um jovem democrata cristão, em 1948; o assassinato pela polícia, de Luigi Trastulli, operário do setor de aço de Terni, em 1949; a fuzilaria contra 3.000 trabalhadores do setor de aço em 1952-53 e a luta de rua que se seguiu. Após Togliatti ter sido baleado,

no dia seguinte, ele começou a falar, disse poucas palavras e recomendava, sempre, a mesma coisa - acalmem-se, acalmem-se, acalmem-se... Penso, no entanto, ter havido um momento quando... eu posso estar errado, mas naquele momento todos os nossos problemas teriam sido solucionados.

Depois da morte de Trastulli,

outra vez - o povo, os trabalhadores podiam ter desejado fazer algo, mas foram obstados pelos líderes, como na ocasião do atentado a Togliatti. Mas se isto tivesse sido levado às fileiras, seria como se estivesse para eclodir uma revolução a qualquer momento.

Da mesma forma, após a demissão de trabalhadores de 1953:

Na terceira noite das lutas de rua, o povo estava pronto, com tanques de gasolina e outros artefatos, para abater os policiais. Mas eles prometeram que empregariam duzentos homens e as coisas se acalmariam após estas promessas. Entretanto, os trabalhadores não queriam desistir da luta. Eles diziam: todos os empregos de volta ou nós lutaremos; todos os empregos de volta ou nós lutaremos. Quando as coisas finalizaram daquela maneira, a classe trabalhadora perdeu a fé, que nunca mais foi retomada, porque eles ficaram desapontados. Por que desistimos? Porque as outras associações (não esquerdistas) teriam prosseguido até um certo ponto e, então, teriam nos abandonado.<sup>15</sup>

Na noite seguinte àquela em que as demissões foram anunciadas, assumimos uma posição. Amanhã de manhã, dizíamos: “Deixe-nos atuar na fábrica. Deixe-nos matar cinquenta chefes; tudo estava combinado, as mentes estavam preparadas. Tí-nhamos afiado em pontas nossas barras de ferro. Os sindicatos chamaram-nos: “olhe”, eles disseram, “as coisas estão indo bem e a luta está ganha. Vocês vão arruinar tudo, não procedam irrefletidamente...” Assim, desistimos de tudo. Penso que hoje estaríamos na cadeia, mas ainda assim acredito que se naquela manhã estivéssemos agido... Não teríamos parado nos cinquenta, atingiríamos cem, uma vez que prosseguíssemos; isso não faria qualquer diferença. E uma vez que você

15. Amerigno Matteuci (nascido em 1919), 14 de dezembro de 1974; Calferio Canali (nascido em 1916), 30 de abril de 1979; Antonio Antonelli (nascido em 1923), 7 de julho de 1973.

tivesse lá cem chefes mortos - acho que as coisas teriam sido diferentes. Talvez depois que enterrassem aqueles cinqüenta, sessenta chefes, eles prosseguissem e demitissem, de novo, os trabalhadores. Mas pelo menos, haveria cinqüenta vagas de emprego. Admito que, talvez, este fosse o caminho errado; entretanto, estou convencido de que eles teriam reaberto as portas para todos os dois mil.<sup>16</sup>

Todos estes relatos não se referem à forma pela qual a história se desenrolou, mas como ela poderia ter ocorrido. Seu campo não incide na realidade, mas na possibilidade. Compreendemos melhor os fatos se os conectamos com a grande forma literária do inconformismo com a realidade: ucronia. Ucronia é “aquele perturbador tema, no qual o autor imagina o que poderia ter sucedido se um determinado evento histórico não tivesse acontecido”; a representação de “um presente alternativo, uma espécie de universo paralelo no qual se cogita sobre um desdobramento de um evento histórico que não se efetuou”<sup>17</sup>. As histórias que estamos discutindo oferecem-nos um vislumbre de mundo possíveis e alternativos, que poderiam ter existido se lideranças adequadas tivessem optado por diferentes direções em relação a eventos específicos entre 1919 e 1925 e, de novo, entre 1943 e 1953. Pondo em contraste o mundo desejável com o existente e reclamando que só por acidente aquilo não aconteceu, as hipóteses ucrônicas permitem ao narrador “transcender” a realidade como dada e recusar a se identificar e se satisfazer com a ordem existente<sup>18</sup>. Através da ucronia, estes narradores dizem que o mais desejável dos mundos possíveis - o que para eles era identificado como o comunismo - poderia ter sido criado, outrora se as chances certas fossem aproveitadas. E a velha operária têxtil, muito adequadamente chamada Maddalena, leva a ucronia para um ponto ulterior e mais radical quando diz que, tivesse ela sido Deus - tivesse Deus sido uma mulher -, o mais crucial evento em nossa história poderia ter tomado rumo diferente. E quem sabe o que o mundo teria sido...

Poderíamos rejeitar estas interpretações dizendo que há, no mínimo, outras tantas que apontam para a direção oposta: histórias que consideram aquelas histórias erradas e afirmam que não somente prosseguiram no caminho possível, como tam-

16. Esta história é parte de uma entrevista gravada em Valnerina na primavera de 1973; para proteger o entrevistado, não declino o seu nome. Os fatos foram confirmados por outros informantes.
17. Pierre Versins, comentários em Jean Tortel (ed.) (1970). *Entretiens sur la paralittérature*. Paris: Plon, p. 275; Colletivo Un'ambigua Utopia 91979) *Nei labirinti della fantascienza*, Milan: Feltrinelli, p. 75.
18. Entre muitas novelas de ficção científica baseadas na ucronia, encontramos Philip K. Dick (1965) *The Man in the High Castle*, Harmondsworth: Penguin Books; Norman Spirand (1974) *The Iron Dream*. St Albans: Panther (ambos descrevem uma história alternativa sobre uma vitória nazista na 2ª Grande Guerra), e Keith Roberto (1970) *Pavane*, Londres: Panther (na qual a armada espanhola derrotada a inglesa da rainha Elizabeth).

bém que este era o único caminho satisfatório. Mas a relevância de um motivo imaginário não pode ser medida apenas segundo cálculos de probabilidades. Outrossim, devemos considerar a qualidade dos narradores. Entre as testemunhas citadas no parágrafo precedente, nota-se um grande número de ativistas, que ocuparam cargos de responsabilidade e prestígio no partido, nos sindicatos e nas administrações locais. Estas histórias não são resmungos incompreensíveis de velhos isolados e desapontados, mas a racionalização do passado feita por indivíduos que foram a medula da classe trabalhadora e do movimento comunista na cidade, por três gerações. Também devemos considerar o lugar da ucrônia dentro da história individual de cada um. Em quase todos os casos, a volta da ucrônia é colocada de forma a coincidir com o pico da vida pessoal do narrador; com o momento no qual cada um desempenhava o papel mais relevante ou estava, no mínimo, mais ativamente envolvido como participante. Paradoxalmente, o tema “inexato” tende a se ligar com os episódios historicamente melhor lembrados: como se a “inexatidão” da história se tornasse mais evidente, quando vista a uma pequena distância.

A autobiografia de Frederick Douglas fornece-nos dados para chegarmos à seguinte dedução:

As pessoas me perguntam, com freqüência, se quando escravo tinha um senhor gentil e não me lembro de jamais ter dado uma resposta negativa; nem dando continuidade a este raciocínio, considero-me falso, pois sempre medi a delicadeza de meu dono pelo padrão de gentileza notado entre os senhores de escravos que nos rodeavam.<sup>19</sup>

Um julgamento negativo sobre a condição do escravo não era apenas perigoso de ser expresso, como também difícil de ser conceituado. O escravo teria que avaliar o dono numa perspectiva diversa da ordem existente, uma perspectiva que nem todos - senhores e escravos - seriam fortes e imaginativos o suficiente para construí-la. Também em situações menos dramáticas, a divulgação da visão crítica da experiência própria de uma pessoa contra as interpretações preponderantes da história sempre se dá contra sanções externas e internas. Esse fato exige um investimento emocional maior ao se admitir que as coisas estão erradas, do que, simplesmente, concordar com as verdades convencionais. Dúvidas e divergências somente emergem quando são muito intensas; nesse caso aqueles que as exprimem estão, muitas vezes, se dirigindo à maioria que não ousa admitir suas dúvidas nem sequer para si mesmo.

Entretanto, o senso comum da história afirma ser este o único mundo possível e desejável. Contra histórias hipotéticas e conflituosas como as de Filipponi, vigora

19. Frederick Douglass (1962). *Life and Times*. New York: Collier Books, p. 64. Reimpresso a partir da nova edição revista (1892).

um argumento corrente: não poderia ter havido revolução na Itália no anos 40, porque os aliados não teriam permitido - veja o que sucedeu com a Grécia. "Eles teriam os soprado - como gaitas de fole", diz um entrevistado (que - em outro contexto - também relata o seu próprio episódio ucrônico)<sup>20</sup>. Os mesmos depoentes, que consideraram errado o caminho tomado pela história em movimento crucial de suas vidas, aceitaram o senso comum da inevitabilidade - e falta de opção - da história em outros aspectos. O conflito, de fato, não se coloca entre rebeldes irreductíveis e conformistas passivos, mas prossegue dentro de cada indivíduo, de maneiras sempre mutáveis.

O íntimo, a natureza pessoal do conflito apresenta-se pelo freqüente contraste entre o partido - senhor da razão e do conhecimento - e a rebelião das massas, movida pelo instinto e pela ira. "Éramos apenas lutadores, não detínhamos políticas de conhecimento; queríamos uma luta, que o partido sabia ser impossível sustentar, por sermos tão poucos"<sup>21</sup>. Há uma distinção entre *nós* e o *partido*, e é ele, o partido, que está certo e não nós. Embora o relator pretenda enfatizar sua fidelidade ao partido, de alguma forma a subjetividade do desejo está latente sobre a objetividade da razão e clamores a serem reconhecidos. Como conciliar o fato de que sabíamos que o partido estava certo com a sensação irreprimível de que a história estava errada.

Para lidar com esta contradição, militantes precisaram relacionar a imagem da História, por eles absorvida na escola, com aquela que o partido reforçou: um processo linear de crescimento e progresso em direção a algum fio desejável. "A História, vocês não percebem, marcha em direção à liberdade, diz uma canção composta por um trabalhador rural comunista de Genzano, perto de Roma"<sup>22</sup>. Esta visão foi articulada pelas elites com o propósito de legitimar seu papel e estratégia. Isto foi subscrito pela liderança socialista e, então, pela comunista com a finalidade de erguer a esperança entre os membros partidário e legitimar de novo sua própria liderança. Se a história é dirigida por orientação providencial ou pelas luzes da razão e forças objetivas sócio-econômicas, então a situação presente é somente um estágio necessário num processo ao mesmo tempo inevitável e desejável. Enquanto a ucrônia reivindica que a história seguiu um caminho errado - e foi feita erradamente -, a visão de história e senso comum insiste em reclamar que a história *não pode errar* - e implicitamente, que o que é real é também bom. A História reveste o desejável como acontecido: como disse, certa vez, Russel Kirk (a propósito da mentalidade

20. Calliero Canalli (ver nota n° 15).

21. Arnaldo Lippi (ver nota n° 11).

22. Silvano Spinetti (ver nota n° 10).

conservadora): um verdadeiro estadista se destaca pelo “conhecimento da tendência real das forças sociais da Providência”.<sup>23</sup>

A *svolta di Salerno* de Togliatti é um caso conclusivo. Embora a escolha possa ter sido inteiramente sábia, traz ela em si nuances lendárias na memória do partido, pois é descrita simultaneamente, como uma escolha livre e como uma imposição. Ela representa o resultado, ao mesmo tempo, da sabedoria subjetiva de Togliatti, do seu conceito de “partido de massa” e da sua intuição a respeito do “caminho italiano para o socialismo” e, também, de circunstâncias objetivas - os aliados -, que não permitiram outro curso da história. O historiador Claudio Pavone notou que “Togliatti sempre apresentou como iniciativas vitoriosas o que de fato era ações defensivas” e “isto está entre suas últimas contribuições para a construção da mentalidade do partido”.<sup>24</sup> Esta herança foi reforçada durante o “compromisso histórico e a “unidade nacional”, fase dos anos 70, quando o Partido Comunista parecia estar se aproximando do poder, em parceria com o conservador Partido Demócrata Cristão. A prática de apresentar derrotas como se fossem vitórias era muito usual naqueles anos. Quando os direitos dos trabalhadores, que tinham sido aclamados como conquistas históricas poucos anos antes, foram prejudicados, Luciano Lama, secretário da união nacional, descreveu-os como indesejáveis “barricas de cinzas”, a serem deixadas para trás no caminho do poder e da modernização. Enrico Berlinguer, secretário do Partido Comunista, habilmente traçou a fronteira entre o desejável e o possível, quando disse que “um governo de esquerda não seria uma boa solução para a democracia italiana naquele momento”, porque podia tentar as forças conservadoras a um golpe. Todavia, ambos, Lama e Berlinguer, teriam gostado - é o que parece claramente - de conservar os direitos sindicais e conquistar um governo de esquerda, mas desde que sentiram não ser isto *possível*, ao invés de admitirem a impotência, declararam ser *indesejável*. E como o Partido Comunista, de maneira crescente, vinha se identificando como uma força política “responsável”, “aceitável”, começou a assumir responsabilidades não apenas para com o futuro como, também, para com o passado. Todos os eventos históricos precedentes à iminente ascensão ao poder deveriam ser vistos, agora, como realmente bons, mesmo se originalmente o Partido Comunista tivesse se oposto a eles. Assim Berlinguer descreveu a NATO - antes encarniçadamente combatida pelo partido - não mais como um veículo da hegemonia imperialista, mas como uma “garantia” da independência nacional italiana.<sup>25</sup> Olhando para trás, sabemos que ao Partido Comunista

23. Russel Kirk (1953), *The Conservative Mind*. Chicago: Henry Regnery, p. 48.

24. Claudio Pavone (1985). “Un Togliatti mal trattato”, *Indice* 11 (1) (janeiro-fevereiro) 13-14.

25. Luciano Lama, entrevista em *La Repubblica*, Erico Berlinguer, entrevista em *Stern* 34 (agosto 1979) e *Corrieri della Sera*.

nunca foi permitido o acesso ao poder, mas o preço ideológico, pago na tentativa, permaneceu.

Esta abordagem foi reproduzida em nível local. Enquanto todos os trabalhadores de Terni consideravam as demissões de 1953 como uma imensa e duradoura derrota, o historiador local e senador comunista Raffaele Rossi descreveu-as quase como uma conquista permanente:

As grandes demissões de 1952-53 e as lutas que se seguiram (das formas mais variadas, como graves lutas de rua, estado de sítio, uso de armas de fogo, barricadas, muitos feridos e machucados) preservaram e ampliaram a unidade das forças sociais e políticas (o comitê multipartidário de Terni), suscitaram pesquisas e idéias a respeito das relações das indústrias estatais com a economia regional, acelerando uma profunda reorganização da fábrica, o que sustou o seu fechamento e a transformou, pela primeira vez, de produtora de bens de guerra em produtora de bens de paz.<sup>26</sup>

Esta descrição que, literalmente, situa em parentesis o acontecido com os trabalhadores e atribui às demissões uma série de decorrências - “preservaram”, “ampliaram”, “aceleraram”, “transformaram” -, dificilmente tem credibilidade mais factual que o sonho ucrônico de Filippini<sup>27</sup>. Mas isto se enquadra na necessidade de se imaginar uma história gradual que leva ao “compromisso histórico” progressivo, antecipado por circunstâncias de cooperação entre o que se costuma descrever como forças antagonicas: o comitê “multipartidário”. Esta versão de história é tão distante da experiência direta da maioria da população que não é encontrada na imaginação dos militantes partidários; o processo funciona mais afetivamente quando se trata de eventos distantes, em escala nacional, com os quais os informantes individuais têm pouca oportunidades de confrontar suas próprias experiências de primeira mão. O conflito entre a imaginação do compromisso histórico e a imaginação popular dos militantes cria visões utópicas de um presente triunfante. Como diz o industriário Alfeu Paganelli:

Todas as nossas lutas serviram a um propósito, porque a classe trabalhadora prevaleceu e eles [os componentes da classe dominante] têm sido forçados a ceder. Eles podem legislar na Câmara ou no Senado, lá em cima; mas aqui embaixo, dentro da Itália, eles não mandam.

26. Raffaele Rossi (1977). “La storia dell’ultimo trentennio in Umbria. Gli anni difficili. 1947-1953” *Cronache Umbre* 11 (1) (janeiro): 63-76.

27. A reorganização, que seguiu as demissões, foi muito menos “profunda” do que acreditava Rossi. Um historiador competente diz: “a empresa foi inábil ao não conseguir criar uma nova identidade”. (Franco Bonelli (1975) *Lo sviluppo di una grande impresa in Italia La Terni del 1884 al 1962*. Turin: Einaudi, p. 288). O comitê multipartidário (que incluía até mesmo os fascistas) conseguiu muito pouco.

Se eles quiserem governar, devem pedir desculpas a Berlinguer e colocá-lo na presidência no lugar onde antes estava a coroa. Agora ela se foi e há uma foice e um martelo nesse lugar e nada mais.<sup>28</sup>

Esta visão tem muito em comum com as histórias de Filipponi sobre Gramsci. O relator estabelece uma relação entre ele mesmo e o herói, apontando que “nossas lutas” ajudaram a entronizá-lo; ele, assim, manobra para dar significado não somente à história do partido como também à sua própria história. Se o passado serve para justificar o presente, uma vida de luta deve ser vista como um sucesso para dar sentido de auto-estima e identidade pessoal. Na realidade, a necessidade de reivindicar determinada ação para si mesmo, em defesa da própria dignidade e da presença histórica, está sempre na raiz de uma versão “consensual” da história: dizendo que a história estava “certa”, advogamos, para nós mesmos, um feito.

Por outro lado, entretanto, cada vez que perguntei a velhos ativistas se suas atuais vidas correspondiam a algo pelo qual tivessem lutado, as respostas foram relutantes e duvidosas. “Não, isso não se deu; porque todos os nossos líderes possuem suas próprias casas e eu ainda alugo uma”, diz um velho; “nós podemos ainda perder tudo o que temos”, diz outro - que estava vivendo pobremente, embora tivesse por vinte anos exercido posições de poder na administração da cidade: “hoje, eu recebo uma pequena pensão, suficiente para comprar para mim e para minha velha mulher um pedaço de pão, de modo que não tenhamos que esmolar. Mas isto pode acontecer ainda, porque as classes governantes estão tentando tirar o que foram forçadas a dar.”<sup>29</sup>

A experiência pessoal, concomitantemente, reforça e limita a visão positiva da história. De um lado, isto incita os narradores a insistirem na utilidade e sucesso de suas vidas, acentuando os aspectos positivos da realidade; do outro, força-os a aceitar o cancelamento ou adiamento de suas últimas metas, com um sentimento pessoal de descontentamento ou perda de significado. O discurso positivo, no entanto, é sancionado pela liderança; está disponível, pronto, articulado. O discurso de negação, por outro lado, deve procurar reunir seus esboços constantemente e é sobrecarregado pelo medo de desaprovação e pelo isolamento. “Eu sinto, camaradas, se estiver errado” se desculpa, provocador e tímido, Amerigo Matteucci, “mas ainda sou pela revolução”.

Então o conflito entre o impulso negativo e o positivo sempre resulta em silêncio, passividade, aquiescência sem participação: “uma passiva, sempre mera-

28. Alfeo Paganelli (nascido em 1908), 4 de janeiro de 1980.

29. Agamante Androschiani (nascido em 1902) 21 de junho de 1982; Arnaldo Lippi (ver nota nº 11).

mente formal concordância com a linha partidária, uma tendência a delegar aos outros, o que impede a dissensão de vir à tona”, como um painel de líderes reunidos em 1977<sup>30</sup>. O discurso de negação é distorcido, enterrado, desviado e permitido a emergir somente entre linhas, como sonho, metáfora, lapso, digressão, erro, difamação, ucrônia - todas as formas que permitem ao relator dar asas aos seus sentimentos e, não obstante, controlar a tensão por intermédio de uma organização formal do discurso.

Os significados de controle inseridos na narrativa correspondem a dois motivos maiores: a tendência errada da história é traçada a partir de um evento singular; ou a culpa é atribuída a erros e fracassos da liderança. O último motivo é frequentemente encontrado na historiografia da Nova Esquerda, onde é utilizado para sustentar uma - enormemente ideal - imagem da classe trabalhadora revolucionária regularmente traída por líderes reformistas e “revisionistas”<sup>31</sup>. Relatos ucrônicos, embora aparentemente semelhantes em sua retórica, de fato, executam uma função oposta. Ao se culpar a “inexatidão” da história sobre o “nosso” lado, percebe-se aí uma significação de que é ainda o nosso lado que faz a história. Trata-se da mesma mentalidade inspiradora do mito de Pueblo, o qual atribui a criação do homem branco à magia negra indígena, ou o mito nacionalista negro, no qual a raça branca é invenção do cientista Yacub, um negro maluco<sup>32</sup>. Estes mitos reforçam o sentido do grupo, de seu papel central na história, e sugerem que se o grupo tem poder para gerar poderes demoníacos também os terá para eliminá-los: “se a mágica indígena criou o povo branco, uma cerimônia indígena o controlará”<sup>33</sup>. Similarmente, Matt Witt se refere a um índio navajo:

Pode ser que ele tenha violado um tabu, como quando se referiu a certas lendas em ocasiões impróprias. Assim sendo, se desastres naturais fossem causados por algo que ele tivesse

30. *Rinascita*, 6 de janeiro de 1978.

31. O exemplo típico é *Proletari senza rivoluzione* de Del Carria, op. cit., muito popular no fim dos anos 60. Pregava: “a ausência de intelectuais revolucionários é, em última instância, a causa da falta da revolução italiana”. (v. 1, p. 21). Jeremy Brecher (*Stricke*, San Francisco: Straight Arrow Books, 1972) também diz que, longe de fomentar greves e revoltas, sindicatos e seus líderes têm sempre feito o máximo para contê-las, enquanto o impulso para agitação partiu constantemente do grupo de militantes. O que estas teorias não conseguem explicar é porque os militantes revolucionários do partido seguidamente geram lideranças reformistas ou vendidas.

32. Leslie Marmon Silko (1977). *Ceremony*. New York: Viking, pp. 139-45; (1968) *The Autobiography of Malcolm X*, com a assistência de Alex Haley, Harmondsworth, Middx: Penguin Books, pp. 258ff.

33. Paola Ludovici (1980). “Narrativa indiana contemporânea”. In: Elemire Zolla (ed.) *I contemporanei. Novecento americano*. Rome: Lucarini.

feito, então haveria esperança: talvez ele pudesse evitar futuras calamidades não repetindo de novo aqueles erros.<sup>34</sup>

Da mesma forma, a função do tema ucrônico é sustentar a esperança: se nossos líderes do passado perderam a chance de “atirar enquanto o tordo está voando”, líderes melhores, no futuro, podem não perder a oportunidade. O mundo de nossos desejos é possível: não necessitamos mudar a mágica, mas somente trabalhar mais corretamente e, talvez, escolher melhor as lideranças.

Nos relatos ucrônicos, a liderança exerce um papel similar àqueles dos mediadores na interpretação estrutural de mitos de Lévi-Strauss: criaturas ambivalentes que sustentam posições conflitantes, mas igualmente necessárias. Neste caso, a contradição - nós, os construtores de história, devíamos estar certos e não obstante a história deu-se de forma errada - é explicada pela ação de indivíduos que estão conosco (no partido, que eles realmente representam) e não são dos nossos (não são membros da classe trabalhadora, em termos de status, poder, educação, alguma renda). Apesar de ambivalente, a posição tanto interna quanto externa dos líderes preserva o grupo ao centralizar para si a culpa e a censura. A lealdade ao partido não se baseia, como críticos de fora dele sempre apontaram, na fé mítica em sua infalibilidade, mas sim na habilidade de transportar seus fracassos para a esfera do mito.

É aí que novamente a inexatidão factual de muitos relatos ucrônicos torna-se relevante. O fato da decisão de Togliatti ter sobrepujado a oposição imaginária de Filipponi não foi razão suficiente para que a Itália não tivesse se tornado socialista após a 2ª Grande Guerra; o triunfo do fascismo, depois da 1ª Grande Guerra, não foi causado pela hesitação de Turatti em buscar o poder<sup>35</sup>. O motivo ucrônico remove a presença de adversários sociais e políticos; reduz o complexo processo histórico a simples eventos; situações complexas a dilemas de sim ou não. Assim, isto preserva a auto-estima do narrador e o sentido por ele dado a seu próprio passado, mas torna mais difícil avaliar o atual papel do partido, suas longas crises de identidade, sua cultura e sua estratégia. Tudo é reconduzido de volta para o plano simplesmente tático.

34. Matt Witt (1979). “God’s country”. In: *Our Blood. Four Coal Mining Families*. Washington, DC: Highlander Research and Education Center, p. 76.

35. Há um evento para o qual entretanto, a história “ucrônica” podia ser aplicável: a marcha fascista sobre Roma em 28 de outubro de 1922 teria sido facilmente sustada se o rei e o governo tivessem usado o exército contra ela; talvez a história tivesse sido diferente. Nenhum entrevistado, entretanto, trata este evento em termos ucrônicos: é essencial, realmente, que o fracasso esteja do “nosso” lado e não do das classes governantes. Incidentalmente, as versões ucrônicas da história também são encontradas entre os fascistas. Mario Sassi (nascido em 1906, 12 de janeiro de 1983) diz que a Itália teria ganho a 2ª Grande Guerra se Enrico Fermi e outros cientistas nucleares não tivessem se bandeado para o outro lado.

As conseqüências podem estar, ao mesmo tempo, no nível da atual política e ao nível da imaginação política. Por outro lado, a maior parte das reações dos correligionários sobre o compromisso político histórico tende a ser redirigida em termos táticos; “nós lhes demos muita liberdade de movimento e pagamos por isto nas eleições”; “Berlinguer propôs uma aliança porque sabia que os democratas cristãos a recusariam e então a culpa neles”; “Olhe, Berlinguer não é mentirosa. Ele fez isto para alcançar nossas metas rapidamente”<sup>36</sup>. O compromisso histórico, na verdade, era muito maior: era sintonia e causa de profundas mudanças na identidade, na composição de classe e no papel político do Partido Comunista. Este processo marginalizou muitos ativistas dos velhos tempos, cuja identidade era tão ligada ao partido que eles se sentiram feridos, embora se recusassem a reconhecer o que realmente sucedeu. Uma crítica tática permitiu-lhes dar voz a seus descontentamentos e, assim, afastar suas causas mais profundas e perturbações.

A primazia de táticas caminha, de mão em mão, com uma imagem da história como uma série de discretos “pontos de mudança”, crises, momentos cruciais, os quais encaram a revolução como uma confrontação singular, traumática, violenta mais que como um lento e profundo processo de modificação social. Embora todos estes narradores sonhassem com um novo mundo, eles eram praticamente incapazes de imaginá-lo: concentravam-se na busca revolucionária da manutenção do poder, mas eram extremamente vagos quando instados a descrever que espécie de sociedade esperavam como desfecho. O mais próximo que chegaram diz respeito à União Soviética - isto é, a um outro mundo já *existentes*.

A imaginação ucrônica, assim, revela a inabilidade de uma significativa parte da tradicional fileira comunista para considerar que características básicas da estrutura e da teoria do Partido Comunista - e de sua própria identidade - podem ter estado na origem do caminho “indevido” da história. Revela, também, que para muitos destes ativistas era penoso e difícil admitir, e mesmo imaginar, que o partido estava se tornando alguma coisa totalmente diversa do que haviam conhecido e para a qual vinham vivido. Por outro lado, a imaginação ucrônica também revela o fracasso da história oficial ao explicar a experiência existencial de uma maioria de militantes. A ucrônia, assim, resguarda a preciosa consciência da injustiça do mundo existente, mas fornece os meios de resignação e reconciliação. Na medida em que aviva as chamadas do descontentamento ao revelar a contradição entre realidade e desejo, faz com que esta contradição não ecloda em conflito aberto.

36. Vaniero Maroli (nascido em 1931), 29 de janeiro de 1980; Amedeo Matteucci, conversa, 30 de abril de 1982. Dante Bartolini (nascido em 1916), 28 de fevereiro de 1973 (em resposta ao verso de Amerigo Matteucci a revolução: ver nota nº 14).